FOTOGRAFIA DE
M. FERNANDES BRAGA

N.º 29 SETEMBRO 1941

SUMÁRIO

PRIMEIRO: SAÚDE DA ALMA

COLÓNIAS DE FÈRIAS DA M. P. F.

O QUE NÓS QUEREMOS QUE AS NOSSAS RAPARIGAS SEJAM
5.º — Elegantes

PESCADORES

OS SINOS DE MAFRA

A CHAMA DA VIDA

PÁGINA DAS LUSITAS
Maria da Graça no Campo
(Continuação)
A Fé do José Maria

O LAR
(Janelas — Receitas de Cosinha)

TRABALHOS DE MÃOS
(Toalha de chá)

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA„

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina Redacção e Administração: Comissariado da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Tel. 46134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL
ASSINATURA AO ANO 12$00
PREÇO AVULSO 1$00

FOTOGRAFIA: FERNANDO M. POZAL

Primeiro: saúde da alma...

CAIU-ME hoje debaixo da vista êste pensamento de Albert de Mun, um lutador como poucos:

"Ne regardez pas passer avec la resignation des vaincus les transformations de votre siécle; montez hardiment dans le convoi et tâchez de diriger la machine."

Podeis traduzir livremente. Guardai bem, no entanto, o pensamento:

ficar-se a gente, como um vencido resignado, a olhar tristemente para as transformações que o tempo, o nosso tempo, vai operando, não é atitude. O que importa é subir e tomar a direcção dos acontecimentos. O mundo não se cura com lágrimas, mas com acções.

É o mesmo que dizer-se-vos: — vão mal as coisas: é verdade. E o que fizestes já, cada uma por seu lado, para as melhorar, começando logo por pensar que a melhor maneira de reformar o mundo e os homens, ainda é reformar-se cada um a si mesmo?...

Reformar-se cada um a si mesmo... Mas não de qualquer forma. E há uma, de facto, que condiciona e comanda tôdas as outras: reformar-se a gente *dentro* de si, primeiro. Depois o resto.

É como quem diz: as únicas reformas que ficam são as que partem *de dentro para fora* e não, ao contrário, *de fora para dentro.*

Sem homens reformados — novos — como haverá possibilidades de fazer vingar instituições e leis que querem ser novas?

Vem tudo isto a propósito.

Andais tôdas por lá: termas, praias, serra, campo.... Férias! Andais, consciente ou inconscientemente, a procurar-vos boa saúde para o ano de trabalho que não tardará a chegar ai. Ao menos, assim o dizeis: que quereis saúde, melhorar os nervos, recuperar fôrças, etc.; porque, se nos formos a ver bem *como* o quereis conseguir, fica-se na dúvida do que sejam na realidade as vossas intenções... Férias? Talvez...

Mas isto veiu por causa das férias... Optimo que *melhoreis* por lá: bons ares, boa disposição, na alegria de Deus. Oxalá.

E a *outra* vossa melhoria, a vossa outra *«reforma»:* a da alma...?

Férias... Colónias de férias...

E o *interior* que cuidados te merece?

Êsse coração... essa vontade... essa imaginação... essa sensibilidade... êsses egoismos... êsse «eu» tão bem tratado sempre, etc., etc.?...

Que importa que também vós, filiadas da M. P. F. sejais umas tantas carpideiras a mais neste mundo de Jeremias que chora a tôda a hora sôbre «os males do nosso tempo», se não sois nada almas construtivas, capazes de hoje e mais, amanhã, vos pordes à frente da sociedade, das vossas profissões, sobretudo do vosso lar, e restaurá-los pelo vosso esfôrço e pelas vossas virtudes?

Pelo vosso esfôrço... pelos vossas virtudes... Sem isto, nada.

Férias, mas nunca férias para êste esfôrço, para êste entusiasmo.

Filiadas:

Perdoai que desta vez, tanto mais que estais em *descanso*, vos pregue êste *sermão.*

Mas certamente não deixareis de pensar a fim que tenho razão. A Pátria precisa de vós: amanhã estareis tôdas, por aqui e por além, a *governar* a Nação.

Tal-qual: a governar. Porque se vós não governardes bem os vossos lares e tudo quanto Deus vos confiar, mal governarão os chefes que estão em cima.

Pensai nisto em férias. Portugal vo-lo merece.

G. A.

COLÓNIA DE FÉRIAS DA M. P. F.

Chegam-nos notícias da Colónia de Férias da Granja.

Este ano não me foi possível lá ir, mas tenho ainda bem presente a minha visita de há 2 anos.

Vejo a casa, tão grande e tão bonita, coberta de trepadeiras... os jardins onde a água põe frescura... a mata de sombras magníficas...

Vejo a praia onde a «Mocidade» tem o seu lugarzinho reservado... e o mar, que é de todos, mas parece que é só nosso, tanto gostamos dele...

Vejo a capelinha, junto de casa, onde cada manhã se vai buscar alegria para o dia inteiro...

Vejo tudo... tudo relembrando com saüdades!

A Colónia de Férias da Granja é destinada às filiadas do Norte e Centro do país, demorando-se cada grupo um período de 20 dias.

«O 1.º turno, do Porto — escreve-me a senhora D. Mariana Ignez de Mello, adjunta da Delegada Provincial do Alto Douro e Minho — esteve de 10 a 29 de Julho; o 2.º, do Porto também, estará até ao dia 19 de Agosto, saindo para dar lugar a um novo turno da Beira Baixa e Beira Litoral, seguindo-se depois o de Traz-os-Montes e Alto Douro e Minho.

O horário é o mesmo de há dois anos.»

... E recordo os belos dias que lá passei... Dêles poderia dizer, tão depressa fugiram: «Já é manhã... já é noite escura!»

«Levantam-se ás 7,30; fazem as orações da manhã no quarto; as que querem comungar vão à capela: tem ido sempre um grupo de 10 a 12 todos os dias.

Pequeno almôço. E parte-se para a praia, onde se passa o resto da manhã em jogos, ginástica, e a tomar banho».

... E recordo essas alegres manhãs de praia onde a brincar se vai fortalecendo a saúde. Horas de bênção, em que a vida é azul, como o céu e como o mar!

«A's 13 horas é o almôço; depois descansa-se. Antes da merenda, canto e explicação de doutrina: o quarto que souber melhor a doutrina tem um prémio no fim».

... E recordo a «audição» de canto que me ofereceram, da outra vez, numa tarde de chuva que não conseguiu apagar o entusiasmo nem a alegria.

Cantou-se ao desafio, cada uma apresentando as «modas» lá da sua terra.

«Depois da merenda, volta-se para a praia ou para a mata e ao findar a tarde reza-se o Terço na capela, com cânticos.»

E' a hora das «Ave Marias». E recordo a doçura da tarde a acabar, em oiro e côr de rosa, e a doçura das nossas acções de graças a subir para Deus, num louvor ao seu amor e à sua misericórdia que nos enchem de bens!

«A's 9,30, deitar».

E contam-me ainda um pouco da vida íntima da Colónia.

«O 1.º turno deu uma festazinha de despedida, na véspera da partida. Uma representação, em género de Revista, sôbre a vida da Colónia, feita por uma das graduadas e que teve muita graça!

Tudo foi feito pelas raparigas: ensaios, cenários, etc.

Sabemos que êste 2.º grupo está a preparar o mesmo e dizem — as que estão no segrêdo — que ainda vai ser mais bonito...

Há até uma canção em inglês que acharam não precisar de ir à censura, pois que ninguém perceberá a letra, mesmo sabendo inglês...

Todos os domingos têem às 10 horas missa própria, onde vão todas fardadas.

No fim do 1.º turno — e neste também, se Deus quiser — houve missa de acção de graças e comunhão geral.»

Onde se faz a parte de Deus há sempre alegria — porisso as Colónias de férias da M. P. F. deixam tantas saüdades!

«As Instrutoras são óptimas — umas verdadeiras joias — e joia sem senão é a Directora da Colónia. A Ecónoma já é sua conhecida, é a mesma da outra vez, e a médica é também muito boa e simpática. E' a mesma atmosfera e o mesmo ambiente carinhoso e alegre que aqui viu há dois anos.»

... E recordo como da outra vez vim encantada. Se é a mesma coisa, tudo está bem, nada mais se pode desejar!

Boa casa e boa alimentação... Cuidados com a saúde e cuidados com a alma... Alegria e carinho...

Que falta para que os dias passados nas Colónias de férias da M. P. F. sejam dias de graça e dias de felicidade?!

Maria Joana Mendes Leal

FOTOS BELEZA — Pôrto

Jogos na praia

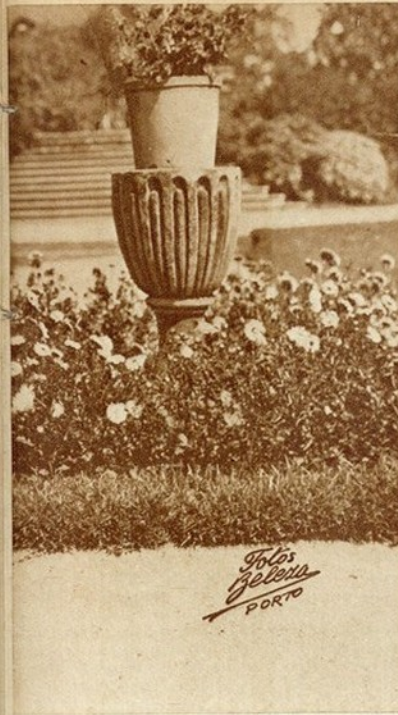
A delícia da água!

Jardim e mata

Pombal e... «pombas»!

Trepadeiras e... «flores»!

Ser elegante é ser simples

Também em casa: simplicidade de bom gôsto

5.º ELEGANTES

Para quem não saiba o que é elegância, pode parecer que prégar elegância às raparigas é deseduca-las em vez de as educar.

A vaidade na maneira de vestir tem feito mal a tanta rapariga que não custa a acreditar que se pense assim.

Mas ser elegante não é querer dar na vista com o que se veste nem desperdiçar em vestidos o que melhor se gastaria noutras coisas nem perder, nas costureiras, o tempo precioso. Por isso, entendo que o saber ser elegante faz parte da educação das raparigas e que é de desejar que as filiadas da Mocidade Portuguesa Feminina marquem em tôda a parte tanto pela sua elegância como pelo seu aprumo.

Ser elegante é precisamente não vestir de maneira a que o vestuário desvie a atenção de sôbre a pessoa que o veste. A verdadeira elegância faz sobresair a personalidade. Quando vemos passar uma rapariga realmente janota a única coisa que ficamos a pensar é:» Que boa figura, que rapariga interessante!»

O vestido desapareceu. E porquê? Porque essa pessoa soube escolher precisamente o que dizia com o seu tipo, de maneira a valorizar as qualidades que tem e nunca a substituir essas qualidades pelas do vestido.

A intimidade não dispensa uma elegân cia discreta

Para se ser verdadeiramente elegante é preciso ser-se alguém — o que mostra que o aprumo moral da pessoa é importantíssimo até para isto.

O que nós somos interiormente manifesta-se no nosso ar, nas nossas maneiras e nos nossos gestos. O domínio sôbre nós mesmas torna os nossos movimentos moderados, dá repouso à nossa figura, faz de nós *Senhoras* e, portanto, elegantes.

Como disse, para se ser elegante é preciso que o vestido não chame a atenção.

Há dois excessos a evitar: Um, é o descuido com o vestuário. Vestidos amassados ou pouco asseados, mal ajustados ao corpo (por largos ou apertados) de côres escolhidas ao acaso, chamam a atenção e desvalorizam quem os traz.

Não é preciso, de forma alguma, que o vestuário seja rico, mas deve ter sido escolhido com gôsto e deve andar pregadinho — como diz o nosso povo — impecavelmente limpo e fresco.

O outro excesso é o vestuário rebuscado demais. A preocupação de andar à moda, de ser um manequim, uma boneca em vez de uma pessoa. A pretenção de espantar os outros, de ser notada — o que quási nunca é um sinal de que se vai bem. A preocupação dos vestidos caros, do luxo — tudo isso é o contrário da elegância.

A verdadeira elegância é simples. Quem pensa demais no vestuário veste mal. Quem gasta demais no vestuário veste mal.

Para se ser elegante bastam poucos vestidos, desde que sejam bonitos e apropriados ás ocasiões.

Quem é elegante não tem a mania de variar de «toilette».

O que quere é estar bem e quere estar bem em tôda a parte, tanto em família como em público.

O que não significa que a maneira de vestir que fica bem em casa seja a mesma que fica bem na rua.

Para cada caso, o vestuário deve ser próprio. E, se em alguma parte, a pessoa deve ter gosto em parecer bem é mais em sua casa do que fóra dela.

De maneira que quando penso na rapariga da Mocidade nova, alegre, sã, verdadeira, vejo-a também verdadeira na maneira de vestir — isto é elegante.

Hilda Corrêa de Barros

Pescadores

QUANDO assisto, à beira-mar, à faina dos pescadores, lembro-me dos pescadores da Galileia que foram os primeiros companheiros do Divino Mestre.

Lembro-me de Pedro, que o Senhor encontrou com André, seu irmão, lançando as redes ao mar. «Vinde comigo — disse-lhes — e farei que vos torneis pescadores de homens». E êles, sem demora, deixando as redes O seguiram.

Lembro-me de Tiago e de João, também irmãos e também pescadores, que o Senhor encontrou a concertar as suas redes. Chamou-os. E êles — diz-nos o Evangelho — deixaram logo as rêdes, e o pai, e acompanharam-n'O.

Foi com êstes homens, pobres e rudes pescadores — tão falhos de ciência, de riqueza e de poder como os rudes e pobres pescadores das nossas praias — que Cristo fundou a sua Igreja e conquistou o mundo!

Se outra prova não tivéssemos da divindade do cristianismo, a sua propagação maravilhosa, com tão fracos meios, seria suficiente para nos convencer que esta obra de milagre sò poderia ter sido obra de Deus!

Os pescadores da Galileia em pouco se diferençariam dos pescadores de Portugal... Homens bons e simples, de olhos no mar e coração no céu...

Quem poderia imaginar que esses homens transformariam o mundo e que a sua palavra, mais potente do que a voz do mar, encheria a terra?!

Quem poderia imaginar que êles, incultos e sem influência, criariam uma nova civilisação e que a vitória da Cruz suplantaria o poder de César?!

Quem poderia imaginar que o seu nome ficaria ligado para sempre ao «acontecimento capital da história do mundo»?!

Eram fracos, pobres e ignorantes, como a pobre gente do mar da nossa terra...

Mas para robustecer a sua fraqueza, o Senhor comunicou-lhes a sua graça... Para prover à sua pobreza, receberam o dom dos milagres... Para suprir a sua ignorância, desceu sôbre êles o Espirito Santo...

A sua obra não seria «estabelecida sôbre a sabedoria humana, mas sôbre a fôrça divina». Porisso mesmo triunfaria e seria eterna!

Era loucura a sua prègação — prègavam a Cristo crucificado — mas com essa «loucura» quiz Deus salvar o mundo!

Obedecendo à palavra do Divino Mestre — «Ide anunciar o meu Evangelho ao mundo inteiro» — partiram, a lançar as suas rêdes ao largo!

E as suas rêdes estenderam-se maravilhosamente sôbre todo o império romano e mais longe ainda!

Numa pesca milagrosa, com o esfôrço do seu apostolado e o sacrifício da própria vida, êsses pobres pescadores de Cafarnaum, tornados pescadores de homens, recolheram para o reino de Deus mais almas do que peixes as suas rêdes jàmais tinham apanhado!

Como era pequenina a barca da Igreja quando Cristo a lançou ao mar! Tão pequenina como a casca de noz em que os nossos pescadores sulcam o oceano!

Eram apenas doze, os Apóstolos que seguiram nela, menos ainda do que uma campanha de pesca...

E conquistaram o mundo!... Milagre! Milagre! Mas milagre em que êles cooperaram: a essa obra divina êles deram tudo, deram-se todos!

Ao contemplar o esfôrço dos pescadores arrastando para a praia os barcos, cordas retesadas sôbre os ombros, eu penso como seria também custoso aos Apóstolos fazerem abordar a barca da Igreja a novas terras, e como as cordas dessa barca, retesadas até ao heroismo, seriam uma cruz pesada sôbre os seus ombros!

Mas tudo se esquecia — tudo se esquece — na alegria duma boa pesca! As rêdes cheias apoiam-se também sôbre os ombros dos pescadores, mas, êstes, parecem que nem lhes sentem o pêso! E se é tamanha a alegria dos pescadores após uma pesca abundante, qual será a alegria dos «pescadores de almas»?!

Na praia — como no céu — tudo é alegria! Sôbre a areia estendem-se os peixes, grandes e pequenos. Em roda o povo admira — bemdito seja Deus! E parece-me vêr os Anjos, debruçados sôbre a colheita doutras rêdes... das rêdes em que se apanham almas para o Reino de Deus!

Somos cristãs? Sejamos pescadoras de almas!

Talvez, até hoje, não tivéssemos pensado ainda nesta nossa vocação divina.

Mas o Senhor diz-nos a tôdas: «Faze-te mais ao largo e solta a tua rêde para pescar!»

Respondamos-lhe como Pedro:

«Sôbre a tua palavra, soltarei a rêde». E confiemos!

Quem sabe se não apanharemos «tão grande multidão de peixes» que tenhamos de pedir a outras companheiras que nos venham ajudar?!

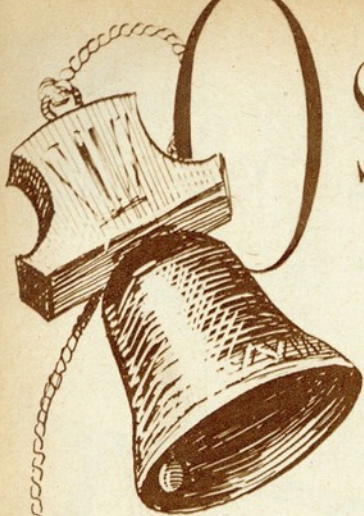
E a nossa alegria será grande, como é grande a alegria dos pescadores quando a sua rêde vem cheia!

Coccinelle

NOSSA SENHORA DA NAZARÉ

FOTOGRAFIAS DO DR. JOSÉ MARTINS BARATA

MOTIVOS DA PRAIA DA NAZARÉ

OS SINOS de MAFRA

Os sinos do «monumento», como esta gente daqui chama ao convento e palácio, tomam grande parte na minha vida, e sempre a tomaram, desde a minha infância.

Para mim, são a única manifestação sentimental daquela construção, que, com a sua imensidade monótona, fria e triste, pesa sôbre a vila humilde, espalhada a seus pés. Tenho sempre de contar com aquela pessoa de respeito, imponente e cerimoniosa. Para os outros, é como de família!

Mas os sinos dão-lhe uma alma, que, ora nos alegra, ora nos comove, fazendo sempre vibrar o coração, de quem, há muito, os conhece.

Uns, soam graves e pausados, parecendo doutas e santas palavras de velhos padres mestres. Outros são alegres e palradores, tilintam, como se fôssem ecos das gargalhadas e conversas das damas e açafatas do paço, fazendo-me cismar, naquela curiosa ideia do fundador de juntar um convento de pobres frades a um paço real! O que eu tenho pensado sôbre isto! Grande distracção para quem vive só e pouco se pode distrair. Porque os sinos me acompanham, caridosamente, desde o nascer do sol, hora a que dão as Avé-Marias, até ao fim do dia, em que as repetem.

Também as tocam, ao meio do dia, soando, de cada vez, treze lentas e fortes badaladas durante as quais há tempo para dizer inteiramente, em latim, as orações rituais.

Ao amanhecer, para me levantar, espero o toque dos sinos, e é, com uma sensação de descanso e sossêgo que ouço o sinal do findar do dia. Gostei sempre, muito, de assistir ao pôr do sol, nos dias bonitos e serenos de verão. No tempo em que a côrte costumava passar alguns meses em Sintra, numa tarde linda, dos princípios de Setembro, em Sete Rios, alguns alegres rapazes rodeavam, com vizível respeito, dois deles, que admiravam o desaparecer do sol no mar, no meio de um deslumbramento de côres brilhantes ou suaves, como só se vêem no céu de Portugal. Um dos dois entrava apenas na adolescência, o outro, um rapazinho pálido, era quási uma criança. Quando fugiu o sol e o dia começou a morrer, alguém disse que se ouviam os sinos de Mafra, cujo vulto imponente se divisava ao longe. Riram-se alguns, mas houve quem dissesse que se costumavam ouvir, nas tardes serenas.

— «Alguma história das tuas?!» Disse outro.

O rapazinho, então, preguntou: — «Sabe alguma história, sôbre isso? Muito gostava de a ouvir».

E os outros, logo: — «Sabe, sabe muitas histórias por aqui de tudo isto». O desejo era uma ordem, dada a gerarquia de quem o manifestava, e, então, contei a «história», como lhe tinham chamado.

Quando eu era criança, no tempo de meus pais, vinhamos para Sintra, e os meus velhos criados queriam sempre, que, ao cair da tarde, eu procurasse ouvir os sinos de Mafra, os quais diziam êles, se ouviam perfeitamente.

Eu, com todo o empenho, procurava ouvi-los e, várias vezes, consegui. Então, a meu pedido, repetiam, sem se cansarem, a velha história, sentimental e triste, que tanto me interessava: «Quando D. João V mandou fazer o convento, numa tarde em que estava vendo o andamento das obras, uma senhora fidalga, aproveitando o fácil acesso junto do rei nestas ocasiões, e talvez confiada na boa disposição que costumava mostrar em tais visitas, lançou-se a seus pés e pediu-lhe o perdão do filho, que num ímpeto de paixão cometera um crime.

A pobre mãi, no meio das suas lágrimas, fez valer ao rei tôdas as desculpas que um coração amargurado sabe encontrar a favor dos filhos.

Comoveu-se o rei e despediu-a, com algumas bondosas palavras de esperança sentindo o desgôsto de, por amor da justiça, de que os reis são os guardas, não poder perdoar.

Vendo-a retirar-se, triste e aflita, disse para os que o rodeavam: — «Coitada! Só se os sinos de Mafra se ouvissem em Sintra lhe perdoaria!» (pois das tôrres e dos sinos se estava tratando). Alguém, amigo e condoído, repetiu à infeliz mãi a frase real. Então, ela, como o coração das mãis nada acha impossível, tratando-se dos filhos, foi procurar os encarregados de encomendarem os sinos e pôs-lhes à disposição todos os seus bens, contanto que realizassem a maravilha, julgada impossível. E assim se fez! Entre os sinos, há um, o maior de Portugal e um dos maiores do mundo, que, quando toca, estremecem as casas da vila e se ouve em Sintra! O eco de um coração de mãi, soando através dos séculos!

El-Rei cumpriu a palavra e perdoou a vida ao filho tão estimado, mas obrigou-o a expiar o seu crime, seguindo para a India a cumprir os seus deveres de soldado e de fidalgo.

A pobre mãi morreu, sem tornar a ver o filho querido, mas satisfeita com o seu sacrifício, por lhe ter salvo a vida, sabendo-o no caminho da honra e do dever.

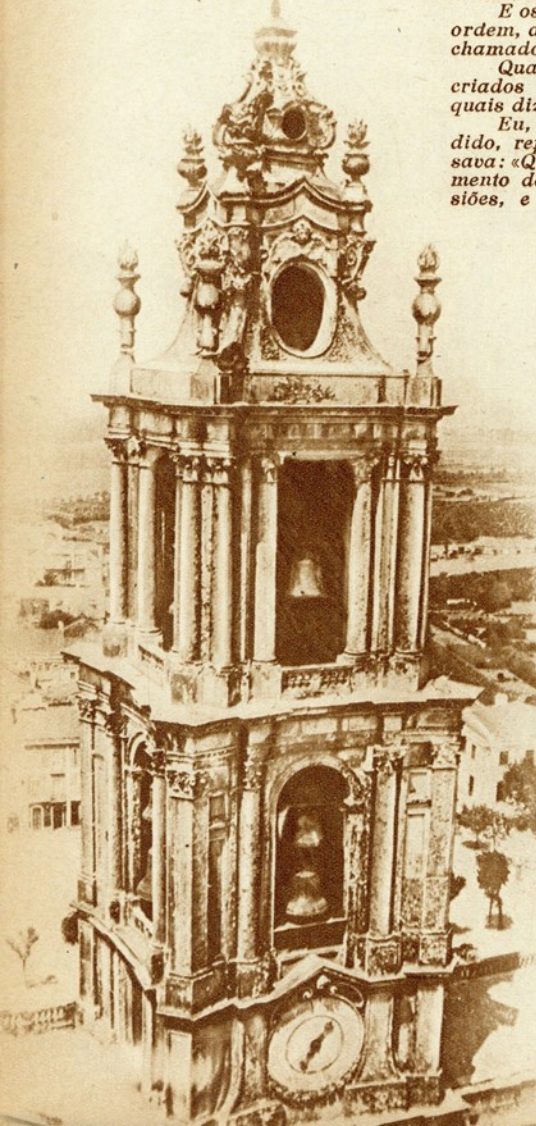
Vezes sem conto, preguntei aos meus velhos creados, os nomes da fidalga e do filho, mas êles respondiam sempre, com ar triste: — «Foi há muito tempo, não se sabem»! Mas eu tinha a desconfiança de que os sabiam e, por qualquer motivo, que não queriam dizer, me davam aquela desculpa.

A criança tornou-se um homem e, então, conheceu a raça a que pertencia, na qual, se houve alguns santos, também houve tantos que o não foram!

Não procurei saber aqueles nomes.

Dos que naquela tarde de verão, ouviram a «história dos sinos», em Seteais, já quási todos entraram na eternidade!

Os dois rapazes irmãos eram dois príncipes, um morreu, como um valente, defendendo o rei seu pai, das balas dos assassinos, o outro, desenvolvendo, com a idade, o seu gôsto pela erudição histórica, deixou o seu nome de rei aureolado pela fama do investigador e do sábio, nos estudos da história do seu país. Ouço, ainda, todos os dias, os sinos, neste cair da tarde da minha vida, em que a luz se vai sumindo, pouco a pouco, e então eu, que tenho, também, muito longe, por deveres da sua vida, o meu único filho, o único da raça arrebatada e impulsiva, a que pertenço, penso naquela mãi e no seu filho, a que, talvez, nos liguem alguns laços de sangue e não posso deixar de rezar por êles.

J. T.

A chama da Vida

A vida é chama brilhante
Que arde serena e calma,
E' luz que a todo o instante
Palpita alegre em noss'alma...

Mas por vezes a tormenta
Quási que a faz apagar
E a chama que nos alenta
Vai morrendo devagar...

E desvairados, sem luz,
Perdemo-nos no caminho
Que nos levava a Jesus,
Ele..., a Bondade..., o Carinho!...

Nós então, loucos de dor
Pedimos que nos socorra,
Que nos dê o Seu Amor,
Para que a chama não morra.

«Senhor, tem dó desta chama
Que vacila já perdida!
Tem piedade, e derrama
Sôbre nós a Luz da Vida!»

E ouvindo a nossa voz
Assim maguada e triste,
Ele tem pena de nós
E depressa nos assiste.

Faz logo um anjo voar
Dos céus em pronta corrida,
Com uma estrêla a atear
A chama da nossa Vida!

MITZA
(Graduada da M. P. F.)

PAGINA DAS LUSITAS

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

MARIA DA GRAÇA NO CAMPO

(Continuação do número anterior)

MARIA DA GRAÇA *(baixo a Manuel)* — Não te esqueças de pedir ao Menino Jesus para te curar, Manuel!

MANUEL *(baixo)* — Não peço, Graça: se o Menino Jesus entender que deve curar-me, cura-me.

MARIA DA GRAÇA *(baixo)* — Não queres pedir?! Pois vou eu pedir por ti, Manuel...

E seguiram, de mãos postas, olhos baixos, corações comovidos, até à capela-mór, onde duas crianças, vestidas de Anjos, seguravam de lado a lado a toalha que servia de santa meza. A' chegada à Freixeda, foi alegre a consoada comida em familia: festa calma e recolhida, tôda impregnada, como nenhuma outra, do mais puro e elevado pensamento cristão. E pais e filhos, muito unidos, sentiam-se felizes.

O dia de Natal amanheceu radioso! E, como a festa do Presépio estava marcada para as duas horas, a manhã correu depressa em mil arranjos e preparos, depois da visita à lareira da sala onde os sapatos das crianças continham a custo as prendas apetecidas! A's duas em ponto soou um gong forte. E quando as pessoas acabaram de se instalar na abegoaria, depois da apresentação feita pelo Saloio, rompeu o côro dos pastores, vestidos com tunicas ou peles de ovelha, as cabacinhas a tira-colo, os paus de gancho na mão e os borreguinhos pastando em volta dêles... As vozes infantis, cantavam:

«Noite Santa! Noite Santa! Noite Santa de Natal»!

Muitas lágrimas de emoção enchiam os olhos dos assistentes no decorrer da representação que, com tanta simplicidade, relembrava aos cristãos o Nascimento de Jesus.

E quando, corrida a cortina, se viu o quadro incomparável da Sagrada Familia e um côro de Anjinhos, de alvas tunicas até aos pés e azas de penas nos ombros, cantou *Glória a Deus nas Alturas*, as palmas irreprimiveis atroaram o ar! E nesse momento, inesperadamente, uma pombinha branca, afastando-se do bando de pombos que esvoaçavam pelas velhas traves do tecto, veiu descendo devagar e poisou sôbre a cabeça de Manuel, o mais velho dos pastores! De asas abertas as patas poisadas sôbre os cabelos castanhos da criança, a pomba não se mexia...

Seria o rapazito um predestinado pelo Céu? O certo é que a todos comoveu aquele facto imprevisto e impressionante; e Maria da Graça, pensou de si para si:

— Talvez Nossa Senhora faça um milagre por êle, coitado, e lhe dê um dia a vista!

CAPÍTULO V

Os dois irmãos de Maria da Graça, Augusto e Chico, estavam de novo na Freixeda, a passar as férias do entrudo; e não faltava alegria na velha casa.

AUGUSTO — Oh mãe, porque não nos arranja um bailarico?

CHICO — Rica ideia, mãezinha! E vinham todos mascarados, velhos e novos!

MARIA DA GRAÇA — Lá engraçado, era! E já estou a ver a D. Jacinta de Castro vestida de vivandeira, ou de «Pierrette»!!

D. FRANCISCA — Nada de troças com as pessoas de idade, filhos: é um costume muito ordinário. Mas o bailarico talvez pudesse arranjar-se, sim...

AUGUSTO *(abraçando D. Francisca)* — Viva a mãe!

MARIA DA GRAÇA *(com entusiasmo)* — E se fôsse um bailarico no género popular?

D. FRANCISCA — Olha, isso é que me parece uma bela ideia: só costumes portugueses.

MARIA DA GRAÇA — Eu visto-me de minhota da Maia: tenho o lindissimo fato preto e branco que os Paes me deram no ano passado.

D. FRANCISCA *(aos rapazes)* — Vocês podem vestir-se de campinos, se quiserem.

CHICO *(saltando)* — Eu por mim tanto me faz, contanto que se possa dançar, saltar, jogar o entrudo!

. . . .

Como só faltavam três dias para chegar o sábado gôrdo, e a festa ficou marcada para terça-feira, D. Francisca meteu mãos à obra. Mandou uma centena de convites, encomendou a ceia, tratou dos fatos, e, ajudada por Maria da Graça, enfeitou as duas grandes salas com festões de verdura e enormes ramos de mimosa. E chegou a desejada terça-feira gôrda.

A música era a própria banda da vila que tinha um esplêndido grupo de guitarristas; e, nos intervalos das danças, ainda tocava um pitoresco velhote da aldeia num harmonio estridente e alegre. A animação da gente nova, vestidos com todos os fatos possiveis e tão variados de Portugal, era consoladora de ver e ouvir! As minhotas, as alentejanas, as algarvias, as beirôas, as tricanas, as trasmontanas, as ilhoas, dançavam a bom dançar com saloios, campinos, aldeões de tôda a espécie; e como D. António tinha exigido que se limitasse o jogar do entrudo às serpentinas, aos confetis e às bolas de celuloide o aspecto do baile era lindissimo, no meio das fitas multicolores e da chuva de confetis! E as bolinhas de côres vivas atiravam-se a uns e a outros entre risos alegres.

Mas à meia noite surgiu um convidado que ninguém esperava nem conhecia: um gigante, vestido com um capotão e um enorme chapéu alto, riso alvar, cumprimentando em silêncio para a direita e para a esquerda!

MARIA DA GRAÇA *(excitada)* — Quem será? Quem será?

CUCA — Se calhar, tu sabes!

MARIA DA GRAÇA — Juro-te que não! Quási que assusta!

AUGUSTO *(mirando e remirando o gigante)* — Se êle falasse, talvez se conhecesse a voz...

CHICO *(puxando-lhe a aba do casaco)* — Oh gigante, fala!

O GIGANTE *(em voz cavernosa)* — Eu sou Golias! Serás tu David?

Ninguém, porém, conseguia adivinhar quem era a extranha máscara. E a própria D. Francisca, que proibira aos creados a entrada de pessoas com cara tapada, estava um pouco inquieta com o misterioso personagem.

Depois da única frase que pronunciara, o gigante sentara-se num sofá e marcando o compasso com a enorme cabeça, parecia gozar a animação das danças.

D. FRANCISCA *(ao marido)* — Oh António, é a ocasião de irmos para a ceia, mas é preciso desmascarar aquela creatura.

D. ANTONIO *(rindo)* — Bem, vamos decifrar o mistério (avançando para o gigante). Meu amigo, venho convidá-lo a vir ceiar, mas tem de mostrar-nos a sua cara!

O GIGANTE *(com voz grossa)* — Com muito gôsto, D. António! Puxa pela minha cabeça com quanta fôrça tiveres! — Todos rodeiavam agora a máscara ao ver que D. António se preparava para lhe agarrar a cabeça e puxá-la para cima! Mas quando já as suas mãos tocavam as faces pintadas da horrenda caraça, sentiu que a enorme cabeça se separava do corpo e de dentro do capotão saiu a correr... João José! Fôram gargalhadas sem fim e perguntas de todos os lados!

(Continua)

ERA UMA VEZ...

A FÉ DO JOSÉ MARIA

JOSÉ Maria tinha treze anos feitos. Filho duma pobre viuva, costureira de roupa fina, afligia-se tanto ao vê-la passar os dias a coser, curvada sôbre as cambraias e os linhos... Ele bem sabia que o trabalho é uma bênção de Deus; e que a mãe dizia sempre: — Deus Nosso Senhor me mande trabalho! — Mas via-a tão magra, tão pálida, tão fraca, que o seu medo era que ela adoecesse deveras, sem que êle fôsse capaz de a tratar.

— Quando eu me empregar, mãezinha — dizia êle às vezes, acarinhando-a — a mãezinha há-de viver descançada sem pegar na agulha.

— Deixa-me trabalhar, José Maria, que o trabalho só dá alegria.

— Pois sim, pois sim, mas isso é quando se não está magrinha e fraca como está a mãe. Deixe-me acabar a quarta classe e verá.

Mais duma vez por ano se organizavam naquela freguezia peregrinações a Fátima; e José Maria, quando via partir as camionetes, quando ouvia os cânticos dos peregrinos, sentindo a alegria que enchia aquelas almas, pensava:

— Como eu gostaria de ir a Fátima um dia! Parece-me que havia de dizer tanta coisa a Nossa Senhora, naquele sitio onde Ela apareceu... — Um dia disse à mãe:

— Oh mãezinha, se eu fôsse a Fátima, estou certo que Nossa Senhora havia de me fazer a vontade!

— Qual vontade, meu filho?! — perguntou a mãe, admirada.

— A da mãezinha poder descançar, comer, dormir...

— Não penses nisso, Zé; pede antes a Nossa Senhora que me vá dando trabalho.

Mas José Maria não perdia a ideia de conseguir, milagrosamente, que a querida mãe descançasse. E, naquela manhã de Agosto, estava encostado à parede da casa vendo as alegres despedidas dos peregrinos de Fátima, quando a voz rude do Prior que muito bem o conhecia da catequese, lhe disse:

— Então, Zé Maria, tens pena de não vir connosco?

— Oh, Senhor Prior, isso nem se pergunta... Tenho a minha mãe tão fraquinha... — e os olhos do pequeno encheram-se de lágrimas que não cairam.

— E então ias a Fátima deixando a tua mãe? — tornou o Prior com interesse — que ias lá fazer?

José Maria respondeu com fôrça:

— Ia dizer a Nossa Senhora que a minha mãe precisa de descançar. Bastava Nossa Senhora querer para que tudo se arranjasse; o senhor Prior bem sabe.

O Prior estava comovido com a fé simples e certa do rapaz; lembrava-se, até, do Centurião do Evangelho...

De repente, agarrou no braço de José Maria e disse:

— Tenho um logarito ao pé do chauffeur; vai depressa dizer à tua mãe que te levo a Fátima.

José Maria, num pulo, entrou na casinha modesta; beijou a mãe adorada e gritou-lhe, correndo para a camionete:

— Vou a Fátima com o Senhor Prior! Vou pedir a Nossa Senhora o descanço da mãezinha!

O caminho foi para êle um encantamento ininterrupto. Os cânticos em côro, o rezar do terço em comum, as paragens pelas terras verdejantes e risonhas, a alegria suave em que todos iam, tudo isso invadia a alma boa e simples de José Maria dum sentimento de pura felicidade e da certeza que Nossa Senhora ouviria o seu pedido.

E quando, já na Cova da Iria, a peregrinação se encaminhou para o Santuário, cantando Salvé Rainha! Senhora Minha! Mãe de Jesus! José Maria, ancioso por chegar junto da Imagem Santa, achava que iam devagar...

Quando se viu em frente de Nossa Senhora, indiferente a quantos o rodeiavam, José Maria ajoelhou e com os olhos na Imagem, disse alto, chorando de comoção:

— Nossa Senhora de Fátima, a minha mãe precisa de descançar, senão morre. E eu ainda sou pequeno, não posso empregar-me por ora. E então quem há-de sustentar a minha mãezinha? Nossa Senhora de Fátima, olhai pela minha mãe; eu peço-vos isso com todo o meu coração: ouvi-me, sim?

Admirados, todos se calavam em volta do rapaz; e só quando êle acabou a sua súplica, recomeçaram os cânticos à Virgem, enchendo o ar de doces harmonias.

José Maria perdera a excitação; uma grande calma, desde que formulara o seu pedido a Nossa Senhora, se apoderara dêle; e nessa madrugada comungou com a maior devoção, as mãos postas, os olhos fixando a Sagrada Hóstia com amor...

Mas à chegada a Lisboa um enorme desapontamento esperava José Maria: encontrara vasia a pobre casinha; e uma visinha, compadecida, informara-o de que a mãe tinha desmaiado sôbre a sua costura e fôra levada para uma Casa de Saúde por umas Senhoras de Caridade!

José Maria em lágrimas, ficara em casa da vizinha.

— Não acredito que Nossa Senhora me não ouvisse — dizia êle através das lágrimas. — A minha mãe há-de curar-se com certeza.

Esta fé impressionava todos; contudo, a convicção geral era que a pobre mulher não resistiria à anemia profunda que o médico descobrira nela. Mas quando, daí a um mês, José Maria chegou à Casa de Saúde e pediu para o deixarem ver a mãe a sua alegria não teve limites; pois ouviu o próprio médico dizer bem alto a uma das senhoras:

— Este caso é único na minha clinica. Com o descanço absoluto e a boa alimentação que teve a doente vejo a anemia a desaparecer dia a dia! Posso dizer que está curada. Mas quem a curou? Não sei!

— Foi Nossa Senhora de Fátima! — gritou José Maria, abraçando a mãe com ternura.

E a mãe, com as lágrimas a cobrir-lhe a cara disse:

— Nem tu sabes a felicidade que nos acontece, Zé: esta senhora arranjou-me um logar de roupeira numa escola do Estado! e vamos viver para lá os dois!

José Maria, saltando pelo quarto, concluiu:

— Nossa Senhora ouviu-me! Nossa Senhora ouviu-me! Nossa Senhora ouviu-me!

O LAR

JANELAS

HÁ casas onde nunca entrámos e que nos são simpáticas pelo aspecto das suas janelas.

Cortinas de cassa branca... vasos com flores... trepadeiras floridas... Pequenos nadas que dão a certas janelas uma fisionomia particular, que nos sorri e faz sorrir: como sorrimos a uma criança desconhecida que passa sorridente ao nosso lado. E se as janelas, vistas da rua, podem pôr, assim, na casa mais modesta uma nota de beleza e de alegria — há trapeiras floridas que cantam a alegria de viver — maior é ainda a influência das janelas sôbre o interior doméstico.

Janelas de cortinados pesados e sombrios, que roubam o sol e põem entre a casa e o mundo uma muralha, dão ao lar um aspecto sombrio, de vida egoìstamente concentrada em si mesma.

Pelo contrário, janelas largas, em que a luz se côa por cortinas transparentes mas discretas, e o sol espreita por entre os apanhados graciosos do tecido, dão à casa um ar de vida simples e de hospitalidade franca. Uma janela donde se vê o céu e o mar ou o campo não deve ter o aspecto severo duma janela de clausura. E' a moldura dum lindo quadro: deve ser bela também.

Nas cidades, onde a maior parte das vezes as janelas abrem sôbre outras casas, é preciso que as janelas substituam, por si mesmas, a beleza da paisagem que não existe.

Alegretes exteriores, flores no interior. Cortinas claras e agradáveis, que façam um conjunto perfeito com o resto dos adornos e mobiliário. Cortinas que protejam a intimidade do lar, mas não impeçam a luz e a alegria de entrar nêle.

RECEITAS DE COSINHA

Bacalhau de cebolada à diplomata:

Cozem-se umas postas de bacalhau, cortam-se em bocados, e limpam-se das espinhas. Põe-se ao lume uma caçarola com uma porção de azeite bom, um bocado de manteiga e bastante cebola cortada às rodas; deixa-se refogar, juntando-lhe, emquanto se refoga, algumas fatias de presunto, salsa picada, um dente de alho, uma fôlha de louro e uma pitada de pimenta.

Apenas a cebola esteja refogada, juntam-se ostras cruas, camarões crús descascados, fôlhas de azedas picadas, um pouco de tomate passado, um quartilho de vinho branco e, em fervendo, juntam-se-lhe os pedaços do bacalhau; ferve um pouco mais e tira-se do lume. Serve-se em travessa com rodas de limão e batatas fritas em volta.

Bolos secos para chá:

250 gramas de farinha, 125 gramas de açúcar, 125 gramas de manteiga, 30 gramas de amendoas moídas, 2 ovos, 1 colhersinha de fermento inglez, raspas de casca de limão. Reserva-se farinha para polvilhar a meza. Bate-se a manteiga com o açúcar até fazer bolhas. Batem-se àparte os ovos, misturam-se com o preparado da manteiga, juntando as raspas de limão e a farinha peneirada com o fermento. Amassa-se até ter uma massa branda, coloca-se sôbre uma meza enfarinhada e estende-se com o rôlo, corta-se em discos que se pintam com ovo e cozem-se em lume brando.

Linguado ao «gratin»

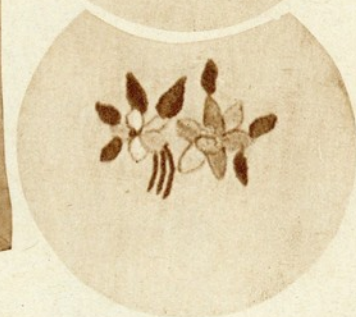
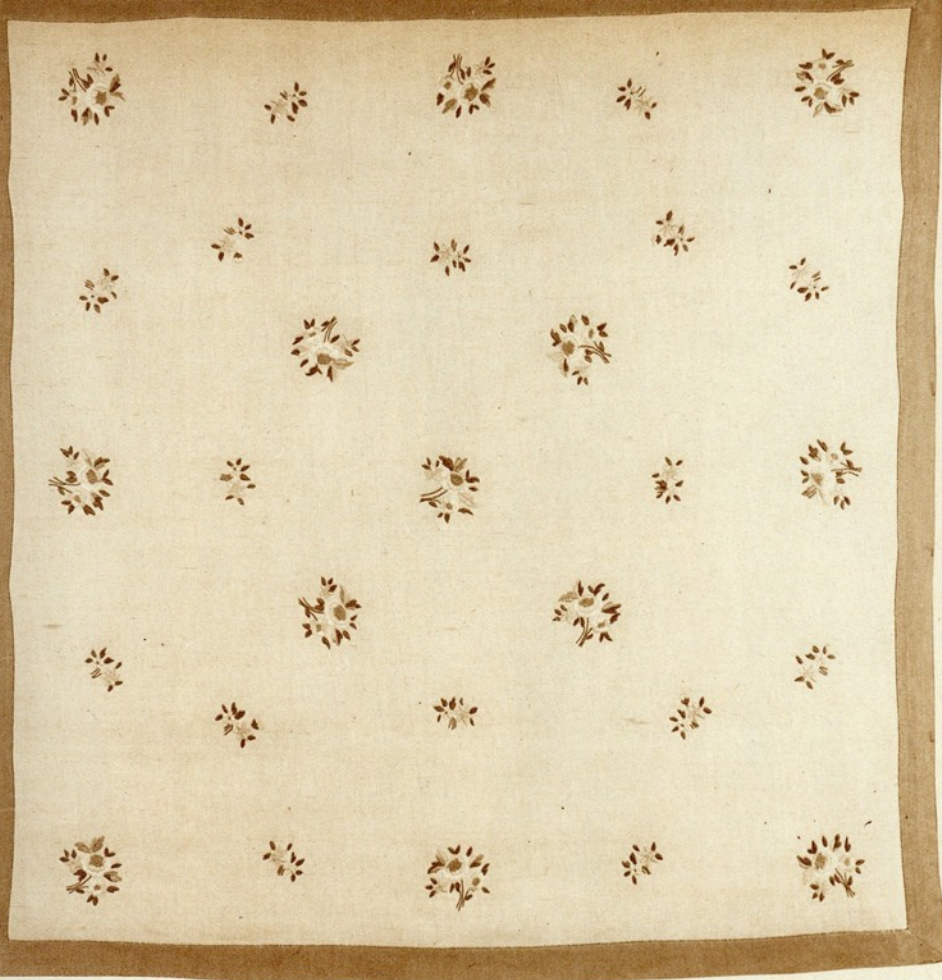
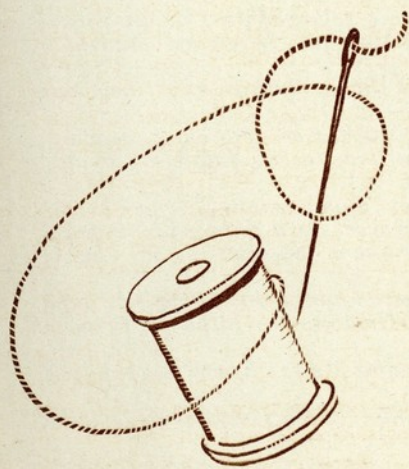
Toma-se um linguado grosso, tiram-se-lhe as tripas e as barbatanas, e em seguida a pele, deslocando-a com os dedos e a ponta duma faca.

Assim preparado, coloca-se numa travessa de ir ao forno, tendo no fundo manteiga e salsa picada; por cima do linguado, ponha-se mais manteiga, salsa picada, sal, pimenta, queijo ralado, noz moscada e sumo de limão. Deita-se-lhe depois um pouco de leite, polvilha-se muito bem com pão ralado e vai ao forno até ficar assado e ligeiramente dourado.

Tigelinhas de crème de chocolate

Põe-se ao lume 80 gramas de chocolate ralado com um pouquinho de água; quando está em pasta, deita-se-lhe 300 gramas de açúcar em ponto de fio e a seguir um litro de leite a ferver.

Deixa-se um pouco ao lume e depois deita-se sobre 5 gemas de ovos, que devem ter sido passadas pela peneira. Vai-se deitando devagar para não cozer os ovos. Deita-se nas forminhas de loiça e vão a cozer em lume brando dentro dum taboleiro com água fria.

TRABALHOS DE MÃOS

TOALHA DE CHÁ

ESTA toalha de chá pode fazer-se em linho branco com a barra em linho azul. Os raminhos semeados pela toalha têm, os maiores, as folhas bordadas a azul, em dois tons bem distintos. As 2 flores maiores são côr de rosa, em três tons, e têm o centro em nózinhos azuis. Os raminhos mais pequenos têm também as folhas em azul, e as flores, uma, em azul claro, e a outra em côr de rosa. Fica muito bonita.

«JOANA D'ARC NA SAGRAÇÃO DE CARLOS VII», POR INGRES (Museu do Louvre)

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS ★ ALMAS DE ELEIÇÃO... EXEMPLOS A SEGUIR

ERA uma humilde rapariguita... De manhã, mal o sol nascia, lá ia com o rebanho pelo campo fóra... Joana — Joana humilde e linda, linda e pura como uma estrelinha do céu, — estava guardada para salvar a sua terra, a pátria amada...

Estava a França em guerra. Ingleses e Franceses guerreavam-se havia muitos anos, sem que qualquer dêstes obtivesse uma decisiva vitória sôbre o outro.

Entretanto, Joana crescia e continuava a guardar suas ovelhas. Um dia em que ela pensava — como tantas vezes fazia — na maneira de salvar a França duma derrota quási certa, julgou ouvir uma voz que lhe dizia «Joana, Joana, vai salvar a tua França!»

Ei-la correndo veloz sôbre a cela, não a pastorinha de outros tempos, mas sim a mulher que ia oferecer a sua vida pela vida de sua Pátria. E assim, obtida do rei a licença necessária para poder comandar uma hoste masculina, vai contra o inimigo levando na mão a espada que o aniquilaria e na alma o amor pela Pátria, a fé em Deus.

Lutas! Sangue! Mortes — A França salva!! Mas... Joana ficou prisioneira dos Ingleses. Joana d'Arc, alma pura e nobre, ideal elevado e sublime, elevou a Pátria sacrificando-se; Filha da França, morreu por ela, testemunhando com a vida todo o amor que lhe dedicava.

E assim morreu aquela mulher que se elevou salvando a Pátria. Joana d'Arc! Nome repetido por todos os Franceses, como o símbolo do heroísmo!

E como Joana, quantos outros sacrificando-se, uns pela humanidade, outros pela Pátria, para a salvarem, elevam-se ante o Mundo por lhe indicarem o caminho do bem e da verdade.

E se não fossem êstes herois, que de quando em quando sublimam o mundo, êste continuaria monótono, sempre igual... e agonizaria breve!

MARIA ISABEL DA QUINTA — Faro, Centro n.º 1 da M. P. F.